

SEMEANDO IDEIAS NO ESTÁGIO CURRICULAR: sensibilização à língua francesa e à francofonia

*SOWING IDEAS DURING CURRICULAR INTERNSHIP: Raising Awareness of
the French Language and the Francophonie*

JÚLIA ALVES CAPRETA (UFMG)¹

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo relatar uma experiência de estágio supervisionado de língua francesa em uma escola privada de ensino básico, focando no desenvolvimento e aplicação de um ateliê inovador. Ao longo de dois meses, o ateliê de sensibilização à língua francesa foi conduzido para pré-adolescentes e adolescentes a partir do subtema de francofonia e francês para viagens, utilizando uma abordagem lúdica e comunicativa. As atividades foram cuidadosamente elaboradas com materiais autênticos e envolveram diretamente a participação ativa dos alunos, para contextualizar o aprendizado. O ateliê visou não somente apresentar aos alunos o idioma por meio de frases e expressões úteis para situações de viagem, mas também criar espaço e levantar visibilidade e interesse nos estudantes pelos países e regiões francófonos do Sul Global. O resultado percebido foi que os alunos não apenas demonstraram motivação em aprender o conteúdo linguístico, mas também desafiaram suas pressuposições sobre o francês, que muitas vezes é associado apenas à Europa e ao Canadá. Ao ampliar seus horizontes quanto à existência de múltiplas culturas francófonas, eles descobriram outros possíveis destinos turísticos interessantes que podem ser melhor explorados por meio do conhecimento da língua francesa. A experiência reforçou a importância de uma abordagem intercultural e decolonial no ensino de língua estrangeira.

Palavras-chave: Francofonia; Decolonialidade; Ensino-aprendizagem; Francês.

Abstract: This paper reports on a supervised French language internship experience at a private elementary school, focusing on the development and implementation of an innovative workshop. Over the course of two months, the French language awareness workshop was conducted for pre-teens and teenagers, focusing on the subtheme of Francophonie and French for Travel, using a playful and communicative approach. The activities were carefully designed with authentic materials and directly involved the active participation of students to contextualize the learning. The workshop aimed not only to introduce students to the language through useful phrases and expressions for travel situations, but also to create space for, and raise awareness of, and interest in, Francophone countries and regions of the Global South. The perceived outcome was that students not only demonstrated motivation to learn the language content but also challenged their assumptions about French, which is often associated solely with Europe and Canada. By expanding their horizons to the existence of

¹ Graduanda na licenciatura dupla Português-Francês do curso de Letras da UFMG. Professora de FLE (Francês Língua Estrangeira) desde 2022. Email: juliacapretaufmg@gmail.com.

multiple Francophone cultures, they discovered other potential interesting tourist destinations that can be better explored through knowledge of the French language. The experience reinforced the importance of an intercultural and decolonial approach to foreign language teaching.

Keywords: Francophonie; Decoloniality; Teaching-learning; French.

INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência surge a partir de uma vivência ocorrida durante a realização de um minicurso denominado “Francofonia e Francês para Viagens”, ministrado durante o primeiro semestre de 2025 em uma escola privada de ensino básico localizada na Zona Norte de Belo Horizonte, no contexto da disciplina de estágio curricular obrigatório em francês da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Além de relatar as principais etapas do estágio, este texto propõe também reflexões críticas acerca das experiências pedagógicas, levando em consideração que, seja em uma disciplina de estágio, seja para além dela, a teoria não se dissocia da prática e nós, futuros-professores, devemos idealmente estar em constante formação (Pimenta, 2019), integrando nossas práticas pedagógicas às reflexões feitas enquanto alunos na sala de aula da universidade.

O curso de Licenciatura Dupla em Letras Português-Francês da UFMG enfrenta um desafio muito grande, visto que em Belo Horizonte não há nenhuma escola da rede pública de ensino que tenha a oferta de língua francesa em sua grade curricular obrigatória. Ao começar a disciplina de estágio curricular obrigatório, nos questionamos, pois, onde e como poderíamos ter contato com o ensino dessa língua numa sala de aula de ensino regular. A resposta encontrada pela universidade foi a seguinte: orientar os estagiários a desenvolverem ateliês de sensibilização à língua francesa que pudessem ser ministrados em instituições de ensino básico.

Em comparação com outros estágios, este formato possui uma carga prática ativa muito maior, que coloca o estagiário para lecionar por um período de 15 a 20 horas, além de todo o tempo dedicado à preparação de cada etapa do curso. O processo consistiu, dessa forma, em primeiramente encontrar uma instituição de ensino básico que aceitasse ofertar um ateliê de sensibilização aos alunos e então planejar todo esse ateliê.

PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES E PRIMEIROS DESAFIOS

As primeiras dúvidas que me vieram à mente apareceram desde cedo, logo no momento da escolha do tema para meu ateliê. Senti inseguranças pois, como tive que criar um ateliê com um recorte temático específico, tive receio de propor algo que não fosse do interesse dos alunos. Antes de elaborar esse ateliê, já tinha experiências prévias com o ensino de francês, mas num contexto de cursos livres, em que havia a adoção de um material didático e de um cronograma previamente estipulados pelos estabelecimentos de ensino.

De maneira similar ao que acontece nos cursos de *Français sur Objectifs Spécifiques*² (FOS), o ateliê que tive que propor era único e feito sob medida, por isso tive muito em mente o que Pietraróia (2013, p. 17) declara: “[...] cada curso de FOS é único e diferente dos demais, e os caminhos deverão ser traçados, na prática, por cada docente na interação com seus alunos”. Por isso busquei refletir sobre alguma possibilidade de curso que se mostrasse útil e atraente ao público-alvo.

Como eu estava considerando fazer meu estágio em uma escola privada específica, por ela ser próxima do meu local de trabalho, cogitei o tema “francês para viagens”. A maioria dos estudantes dessa instituição é de classe média e média-alta, ou seja, uma parcela da população que tem maior poder aquisitivo, de modo que acreditei que oferecer uma oficina com conhecimentos para viagem pudesse ser de bastante interesse para alguns alunos e que isso pudesse gerar mais adesão ao meu ateliê. Minha suposição também se baseou na ideia de que o ensino da língua que leva em conta situações e contextos de uso do idioma e que instiga os estudantes a adquirirem habilidades comunicativas é o ideal para qualquer curso de língua estrangeira, em alinhamento ao que afirma, por exemplo, Valérie Spaëth (2021, p. 25),

Por natureza, a didática de línguas, ou seja, o conjunto de processos e de estruturas de transmissão e de apropriação de uma língua, está em contato constante com o social, os contextos, as diversas mobilidades, ela trabalha também a plasticidade das trocas e das representações³.

² Segundo Jean-Pierre Cuq, “O Francês para Fins Específicos (FOS) se insere em uma abordagem funcional do ensino e da aprendizagem: o objetivo da formação linguística não é o domínio da língua em si, mas o acesso a habilidades linguísticas em situações específicas.” (2003, p. 109). Trata-se de um curso de francês criado para orientar o aprendiz em direção à aquisição de habilidades específicas que resolvam determinadas demandas que este possua em relação ao idioma.

³ No original: “*Par nature, la didactique des langues, c’est-à-dire l’ensemble des processus et structures de transmission et d’appropriation d’une langue, est en prise constante avec le social, les contextes, les diverses mobilités, elle travaille aussi la plasticité des échanges et des représentations*”.

Além disso, estabeleci que, ao final, eu daria certificados aos estudantes que obtivessem frequência e aproveitamento superiores a 60%, o que também seria um fator atrativo à participação dos discentes.

Entretanto, como não queria que meu ateliê fosse eurocêntrico, decidi não abordar apenas informações relacionadas à França, para dar mais visibilidade à grande diversidade cultural que existe na francofonia e sair do senso comum sobre o idioma. Baseada nisso, meu desejo era, mesmo dentro de um escopo mais prático do que deve ser um minicurso para viagens, colocar os estudantes em contato com os conceitos de Francofonia (enquanto Organização Internacional) e francofonia (o conjunto de países e pessoas que têm a língua francesa como materna, oficial ou significativa culturalmente), apresentando-lhes a pluralidade cultural existente no ecossistema da língua francesa e despertando neles um interesse em utilizar o idioma justamente para conhecer outros lugares para além do continente europeu. Assim, os discentes sairiam dali não apenas mais preparados para lidar com situações típicas de viagem em países francófonos, mas também com vontade de usar os conhecimentos adquiridos para explorar toda a gama de oportunidades acadêmicas, profissionais e socioculturais que a francofonia oferece.

Dessa forma, expandi o tema do meu ateliê de simplesmente “Francês para Viagens” para “Francofonia e francês para viagens” e o estruturei para durar 15 horas no total. Essa carga horária foi dividida em 15 aulas de uma hora de duração e estabeleci, com a ajuda de minha supervisora de estágio, uma progressão de conteúdos que julguei pertinente para alcançar um progresso sólido no desempenho dos alunos, partindo do princípio que todos os participantes possuíam um nível iniciante em francês, visto que eles nunca haviam estudado a língua anteriormente.

O ATELIÊ

A progressão temática do ateliê foi a seguinte: primeiro, eu introduziria o tema “Francofonias” em sala, explicando o que significam os conceitos acima elucidados de Francofonia com F maiúsculo e francofonia com f minúsculo. Em seguida, eu passaria por conhecimentos básicos em produção e compreensão do francês, como alfabeto, pronúncia, cumprimentos, números e outras expressões úteis para conversas iniciais. Depois disso, as

aulas seguintes seriam divididas entre explicação de vocabulário para viagem, exercícios de fixação e um momento de exposição sobre um país francófono. Entre as atividades práticas realizadas, seriam feitos exercícios de simulação como *jeux de rôles*⁴, exercícios de interpretação textual a partir de vídeos e outras atividades de vocabulário. Para os momentos de exposição cultural, eu mostraria o mapa de cada nação, as línguas lá faladas, a bandeira do país e informações interessantes ligadas a turismo (monumentos e principais cidades, gastronomia local, natureza e eventos culturais lá promovidos). Durante a realização do ateliê, os alunos tiveram acesso a todos os materiais elaborados por mim por meio de uma turma virtual que criei no Google Classroom. A versão final do cronograma de aulas ficou assim:

Quadro 1: Cronograma das aulas

31/03 - segunda-feira	Introdução à Francofonia
01/04 - terça-feira	Frases e expressões úteis
07/04 - segunda-feira	Alfabeto e pronúncia
08/04 - terça-feira	Revisão + algarismos e números
14/04 - segunda-feira	Revisão + no aeroporto
15/04 - terça-feira	Alojamento + a França
21/04 - segunda-feira	FERIADO (TIRADENTES) - sem aula
22/04 - terça-feira	Comida + o Canadá
28/04 - segunda-feira	Transporte e direções + a Suíça
29/04 - terça-feira	Turismo e lazer + a Bélgica
05/05 - segunda-feira	Fazendo compras + África francófona
09/05 - sexta-feira	Saúde e emergências + a Guiana Francesa
12/05 - segunda-feira	REVISÃO GERAL
16/05 - sexta-feira	AULA PRÁTICA
19/05 - segunda-feira	AVALIAÇÃO ESCRITA

⁴ Jogos de interpretação de papéis em simulações de situações de conversação.

23/05 - sexta-feira	Fechamento do curso e entrega dos certificados
---------------------	--

Fonte: Elaborado pela autora

Uma observação importante sobre a aula do dia 5 de maio é que a minha escolha por colocar “África francófona” como um dos subtemas, falando de todo um continente em vez de um país ou departamento ultramarino como fiz nas outras aulas, se deu pelo fato de que seria impossível, devido ao curto tempo do curso, tratar de todos ou da maioria dos países africanos francófonos, mas eu não gostaria de deixar de discorrer, mesmo que de maneira superficial, sobre este continente e sua relação com a língua francesa. Nessa aula, então, apresentei um mapa de todas as nações africanas francófonas e decidi escolher três delas para abordar com mais aprofundamento: o Benim, o Senegal e o Marrocos. Assim, consegui mostrar à turma, ao longo de todo o ateliê, três países europeus, três países africanos e dois territórios (um país e um departamento da França) nas Américas, o que foi o mais próximo que pude chegar de uma diversidade geográfica dentro da francofonia, levando em consideração o pouco tempo que tinha.

Após negociações com a escola, chegamos ao consenso de oferecer o curso aos alunos do sexto ano do Ensino Fundamental II até o terceiro ano do Ensino Médio. Ou seja, o meu público-alvo era estudantes entre 11 e 18 anos. Foi definido também que seriam ofertadas 20 vagas, e se houvesse mais inscrições do que vagas disponíveis, seria feito um sorteio para decidir quem estaria na turma. Assim, na semana anterior ao início das inscrições, passei em todas as turmas do sexto ao terceiro anos falando um pouco sobre a oficina, sobre as inscrições e dando informações gerais sobre como as aulas iriam funcionar. A escola também comunicou às famílias por meio de *e-mail* institucional, divulgando o ateliê com o pôster abaixo, elaborado por mim.

Imagem 1: Pôster de divulgação

Francofonia & Francês para viagens

*Minicurso gratuito de 15 horas
com emissão de certificado
Segundas e terças - de 12h45 a
13h45*

Início: 31/03

*Inscrições até o dia 29/03 por
meio do QR code abaixo ou
este link:*

<https://forms.gle/xixF6RqRA3E1dFS2A>



Fonte: Elaborado pela autora

Ao todo, 26 alunos se inscreveram, de modo que realizei um sorteio para que 20 alunos pudessem participar do ateliê. Depois do sorteio, entrei em contato com os alunos via *e-mail* e *Whatsapp* para comunicá-los que haviam sido sorteados e dando informações sobre a sala de aula onde aconteceria nosso curso. Fiz uma lista de espera com os outros seis estudantes, de modo que durante as três primeiras semanas de oficina, caso houvesse alguma desistência, a vaga poderia ser preenchida por outra pessoa.

A assiduidade dos estudantes durante o curso foi em geral muito boa. Ao longo das seis primeiras aulas, 3 desistências foram preenchidas por outros 3 alunos da lista de espera. Outros 3 estudantes pararam de frequentar as aulas depois da terceira semana e me comunicaram que havia sido por razões de falta de tempo e dificuldade para conciliar o curso com as outras muitas demandas da escola. Portanto, dos 20 alunos que iniciaram a oficina, 17 permaneceram até o fim do curso, 16 fizeram a avaliação escrita final e 13 conseguiram nota

para o certificado, mas para isso precisei diminuir a nota mínima de aprovação de 60% para 50%, pois somente oito dos 16 obtiveram 60% ou mais na prova.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Essa performance dos alunos na avaliação final, ao meu ver, reflete o principal problema que pude perceber, e que eu já temia que aconteceria, em razão da grande diversidade etária da turma, que foi a indisciplina dos alunos, manifestada em conversas paralelas durante a maioria das aulas. Minha ideia inicial seria oferecer o minicurso a um recorte etário menor de estudantes, propondo-o apenas ao Ensino Fundamental II ou apenas ao Ensino Médio, mas a coordenação da escola solicitou que a oficina fosse oferecida a toda a comunidade escolar. Por isso houve uma grande negociação, que terminou nesse consenso de recorte que no fim não foi nem o que o colégio desejava, nem o que eu julgava como sendo o ideal.

Dessa maneira, tendo em sala de aula um público bastante heterogêneo, tive maior dificuldade para planejar aulas que fossem adequadas para todos os estudantes. Outra particularidade dessa escola que representou um desafio para mim foi o fato de que, por ser um colégio menor com somente uma turma de cada ano, os alunos têm mais afinidade entre si, mesmo com colegas de idades e turmas diferentes. Assim, muitas vezes me deparei com episódios de conversas constantes entre discentes do 7º ano e do 3º ano, por exemplo. Então, em vez de ter que lidar com pequenos grupos de dois ou três estudantes dispersos durante a aula, tive que encarar momentos em que oito ou nove deles interagiam simultaneamente ignorando completamente a minha presença em sala. Em determinado momento do curso, tive que parar e chamar a atenção deles sobre isso, dizendo que esse comportamento era um desrespeito com a minha figura de professora e que, por ser uma oficina opcional, todos estavam ali por interesse pelo tema e que, portanto, deveriam agir de acordo com isso.

Essa experiência me levou a elaborar uma hipótese sobre uma possível dificuldade que os alunos têm de reconhecer um(a) jovem docente ou um(a) estagiário(a) como professor(a) e como figura de autoridade da mesma forma que veem educadores de idade mais avançada. Muitas vezes, ao longo de minha prática profissional, fui confrontada direta e indiretamente por alunos que acreditavam que um curso de línguas não é considerado aula e que, portanto,

eu não era “tão professora” quanto os docentes da escola básica. Ter a constante necessidade de reafirmar a própria identidade para aqueles que já deveriam reconhecê-la é uma das maiores frustrações do meu trabalho, e tive que passar por isso durante este estágio. Isso relativiza o que Oliveira (2024, p. 12) afirma: “para abordar o real na sala de aula [...] não é preciso preparar uma aula ou atividade ‘mirabolante’, podemos propor reflexões interessantes e necessárias a partir de aulas ‘comuns’, basta estarmos dispostos a enxergar e a ouvir o nosso entorno”. Embora eu esteja de acordo com essa afirmação até determinada instância, creio também que existam fatores externos à prática docente que por vezes fogem do alcance do professor e que, por isso, em algumas situações, não há método, nem recurso, nem abordagem teórica e postura em sala de aula que vá conseguir “conquistar” o interesse de todos os alunos em 100% dos contextos possíveis, muito menos em situações como a minha, em que eu tinha pouco tempo para trabalhar os temas da oficina e alunos de perfis e idades extremamente diferentes em sala. Entretanto, essa conversa que tive com os estudantes foi extremamente tranquila e proveitosa, principalmente por eu já ter construído uma boa relação com a turma desde o início do ateliê.

Ademais, uma das maiores alegrias que tive foi perceber na turma o despertar do desejo por conhecer mais as culturas francófonas e a língua francesa. Esta sim foi a realização do meu principal desejo quando propus o tema do curso. Além de se engajarem bastante nas atividades práticas propostas em sala, os estudantes demonstraram enorme interesse nos momentos em que compartilhamos informações, fotos e curiosidades sobre os países francófonos; até mesmo essas conversas paralelas que mencionei eram, muitas vezes, apesar de fora de hora, sobre o tema da aula e sobre o país mostrado. Quando falei do Benim, por exemplo, mencionei o filme *A Mulher Rei*, lançado em 2022 e bem-sucedido nas bilheterias nacionais, arrecadando R\$5 milhões em seu primeiro final de semana de exibição, segundo o G1⁵. O filme retrata uma parte da história real do antigo Reino do Daomé, que hoje é o Benim. Essas conexões com elementos pertencentes ao repertório cultural dos alunos foram de extrema relevância e me possibilitaram captar a atenção e o interesse deles ao gigante universo da francofonia.

⁵ Disponível em:

<<https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2022/09/26/a-mulher-rei-estreia-na-lideranca-da-bilheteria-nacional-e-arrecada-r-5-milhoes.ghtml>>. Acesso em: 9 jul. 2025.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De maneira geral, acredito que minha experiência de estágio foi extremamente proveitosa, tanto nos momentos de alegria e conquista quanto nos desafios que enfrentei. Desenvolvi uma boa relação com os participantes, realizamos excelentes trocas e pude refletir sobre minha própria prática pedagógica e minha identidade profissional, além de ter conseguido o que eu mais queria: plantar neles uma semente de curiosidade sobre essa língua tão carregada de cultura, história e beleza. Muitos dos alunos me perguntaram se eu faria outra oficina parecida na escola, e disseram que se inscreveriam para participar de um eventual próximo ateliê independentemente de qual fosse o tema. Isso me animou muito e elevou minha confiança na minha própria capacidade de realizar um bom trabalho, mesmo em situações e contextos complexos. O principal aprendizado que levo dessa vivência é que construir uma boa relação com os alunos é a chave para o sucesso docente, pois é isso que permite que ambas as partes possam demonstrar suas necessidades, sentimentos, ideias e perspectivas em sala, o que garante um ambiente de aprendizagem e desenvolvimento para todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUQ, J. P. **Dictionnaire didactique du Français Langue Étrangère et Seconde**. 1. Ed. Paris: CLE International, 2003.

OLIVEIRA, C. A. S. **Formação de professores(as) de línguas e desenvolvimento da identidade profissional: relato de experiência docente**. In: Revista Transmutare, Curitiba, v. 9, e18167, p. 1-18, 2024. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rtr>>. Acesso em: 11 jun. 2025.

PIETRARÓIA, C. M. C. **Um novo docente para novas demandas de aprendizagem do francês?** In: ALBUQUERQUE-COSTA, H.; PIETRARÓIA, C. M. C. Ensino de Língua Francesa em contexto(s). v. 1. São Paulo: Editora Paulistana, 2013.

PIMENTA, S. G. Estágios supervisionados: unidade teoria e prática em cursos de licenciatura. IN: CUNHA, C. da.; FRANÇA, C. C. de. (orgs.) **Formação docente: fundamentos e práticas do estágio supervisionado**. Brasília: Cátedra UNESCO de juventude, educação e sociedade; Universidade Católica de Brasília, 2019. p. 19-50.

SPAËTH, V. Introduction. In: CHISS, J. L. (dir.), **Le FLE et la francophonie dans le monde**. Paris: Armand Colin, 2021. Disponível em: <<https://shs.cairn.info/le-fle-et-la-francophonie-dans-le-monde--9782200631734-page-25?lang=fr>>. Acesso em: 10 jul. 2025.